

Morfologia Construcional: Linguística Cognitiva ou Linguística Gerativa?

Construction Morphology: Cognitive Linguistics or Generative Linguistics?

Janderson Lemos de Souza¹

Universidade Federal de São Paulo – Brasil

RESUMO

A multiplicidade de teorias linguísticas dificulta a identificação de continuidades e descontinuidades entre elas, seus ramos, modelos de gramática e procedimentos de análise. No VI CBM, um dos modelos empregados foi a Morfologia Construcional, formulada por Geert Booij. Neste artigo, defendo um entendimento divergente do que identifica nesse modelo filiação epistemológica à Linguística Cognitiva. Minha conclusão é por sua caracterização como um modelo gerativo, se não ateórico. Para tanto, comparo o modelo de Geert Booij com o modelo de Joan Bybee (funcionalista) e o modelo de Ronald Langacker (cognitivista) e exemplifico o poder descritivo e explicativo de cada modelo com dados do português brasileiro e do português europeu.

PALAVRAS-CHAVE:

Morfologia Construcional. Linguística Gerativa. Linguística Funcional. Linguística Cognitiva.

ABSTRACT

The multitude of linguistic theories makes difficult the identification of continuities and discontinuities among them, their branches, models of grammar, and analytical procedures. During the VI BCM, one of the models employed was Construction Morphology, formulated by Geert Booij. In this paper, I defend an understanding that diverges from the one that identifies in that model epistemological filiation to Cognitive Linguistics. My conclusion is for its characterization as a generative model, if not atheoretical. For this purpose, I compare Geert Booij's model with Joan Bybee's model (functional) and Ronald Langacker's model (cognitive) and exemplify the descriptive and explanatory power of each model with data from Brazilian Portuguese and European Portuguese.

KEYWORDS:

Construction Morphology. Generative Linguistics. Functional Linguistics. Cognitive Linguistics.

Recebido em: 19/08/2024

Aceito em: 12/12/2024

¹ E-mail: janderson.souza@unifesp.br | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4252-7789>.

1. Introdução

O VI Colóquio Brasileiro de Morfologia (CBM) reuniu trabalhos filiados a diferentes modelos teóricos. Um deles é a Morfologia Construcional (MC), de Geert Booij. Este artigo se dispõe a discutir a filiação epistemológica desse modelo, que não é explícita e, por isso, fica sujeita a diferentes leituras, que podem fomentar um tipo de debate natural em Linguística. A presença de estudantes de graduação e de pós-graduação no VI CBM acrescenta utilidade didática a esse debate, para o qual invoco ampla literatura. O cenário do debate é o de múltiplas teorias linguísticas:

A linguística teórica é caracterizada pela existência de uma multiplicidade de teorias: Gramática Universal no sentido gerativo, uma família de modelos que reivindicam o rótulo de Linguística Funcional, correntes menores como a Gramática de Papel e Referência ou a *Head-driven Phrase Structure Grammar* – e, é claro, a Linguística Cognitiva, num número de versões que podem, cada um, se ramificar em subversões e então em realizações alternativas de subversões. Existe Linguística Cognitiva estilo Langacker (Gramática Cognitiva no sentido estrito), e existe Linguística Cognitiva estilo Talmy – até certo ponto usando o mesmo vocabulário, que envolve noções como a oposição figura/fundo, mas ainda suficientemente diferentes para serem facilmente reconhecíveis por alguém familiarizado com a literatura relevante. E ainda existe a Gramática de Construções, que pode ou não incluir a Gramática Cognitiva (estilo Langacker), mas que certamente compreende abordagens diferentes, como a Gramática de Construções estilo Fillmore e Goldberg, a Gramática de Construções Radical e até a Gramática de Construções Corporificada. (Geeraerts, 2006, p. 25, tradução própria)²

No presente artigo, são consideradas como teorias a Linguística Gerativa (LG), a Linguística Funcional (LF) e a Linguística Cognitiva (LC), nesta ordem cronológica. As versões, subversões e realizações de subversões de cada teoria aplicam o termo teoria a modelos de teorias e embaralham a polissemia metonímica do termo modelo, que envolve, pelo menos, quatro sentidos sobrepostos: (i) ramo de uma teoria, sentido em que, por exemplo, a Gramática Cognitiva (GC) é um modelo da LC, enquanto a Teoria da Otimalidade (TO) é um modelo da LG; (ii) arquitetura da gramática e do léxico, sentido em que estão, por exemplo, o Modelo Padrão e o Modelo Padrão Estendido, já com a polissemia permitindo afirmar que esses são modelos da

² “Theoretical linguistics is characterized by the existence of a multitude of theories: Universal Grammar in the generativist sense, a family of models claiming the label of Functional Grammar, smaller trends like Role and Reference Grammar or HPSG – and of course Cognitive Linguistics, in a number of versions that may each brand off into subversions and then into alternative realizations of subversions. There is Cognitive Linguistics Langacker-style (Cognitive Grammar in the narrow sense), and there is Cognitive Linguistics Talmy-style – to some extent using the same vocabulary, involving notions like the figure/ground opposition, but still sufficiently different to be easily recognizable by anyone familiar with the relevant literature. And then there is Construction Grammar, which may or may not include Cognitive Grammar (Langacker-style), but which certainly encompasses different approaches like Fillmore and Goldberg-style Construction Grammar, Radical Construction Grammar, and even Embodied Construction Grammar.”

gramática e do léxico desenvolvidos pelo modelo da LG chamado Gramática Gerativa (GG); (iii) padrão de análise morfológica – Palavra & Paradigma, Item & Arranjo ou Item & Processo; e (iv) concepção da gramática e do léxico quanto ao que os organiza. É nesse último sentido que as teorias linguísticas oferecem três opções: regras, restrições ou construções. Nesse aspecto, a LG se distingue por oferecer as três: a GG e a Morfologia Distribuída (MD) defendem a modelagem baseada em regras, a TO defende a modelagem baseada em restrições, e a MC faz jus ao nome.

No debate em questão, influi a caracterização dos modelos construcionais, ora como verticalmente filiados às teorias que os subsidiam epistemologicamente, posição que adoto, ora como horizontalmente constitutivos da Gramática de Construções³, entendida como uma coleção de modelos gerativistas, funcionalistas e cognitivistas pela afinidade quanto à modelagem construcional da gramática e do léxico.

[...] a noção de gramática de construções subsume uma família de teorias relacionadas que não são todas baseadas no uso (ver Hoffmann e Trousdale 2013 para um panorama). Na verdade, uma das primeiras e mais influentes teorias baseadas em construções, isto é, a teoria de gramática de construções baseada no signo desenvolvida por Fillmore e Kay (1999), explicitamente manteve a concepção gerativa de competência e desempenho e prestava pouca atenção ao uso e ao desenvolvimento. (Diessel, 2019, p. 5, tradução própria)⁴

Minha compreensão da MC é como um modelo construcional gerativo, no que diverge da compreensão segundo a qual “[...] o modelo de Booij (2005, 2007, 2010) se inscreve no paradigma da Linguística Cognitiva e adapta a abordagem construcionista de autores como Goldberg (1995) e Goldberg e Jackendoff (2004), voltados para a sintaxe, à descrição de fatos morfológicos” (Gonçalves, 2016, p. 20). Para fundamentar minha compreensão, comparo a MC com um modelo funcionalista e um modelo cognitivista na próxima seção e retomo a compreensão divergente na conclusão.

2. Morfologia construcional

Nesta seção, reúno três modelos de morfologia construcional, um dos quais se chama Morfologia Construcional. Na subseção 2.1, destaco a filiação do modelo de Bybee à LF e a filiação

³ Não abrevio a menção à Gramática de Construções para reservar a sigla GC à Gramática Cognitiva.

⁴ “[...] the notion of construction grammar subsumes a whole family of related theories that are not all usage-based (see Hoffmann and Trousdale 2013 for an overview). Indeed, one of the earliest and most influential construction-based theories, that is, the sign-based theory of construction grammar developed by Fillmore and Kay (1999), explicitly maintained the generative conception of competence and performance and paid little attention to usage and development.”

do modelo de Langacker à LC e a afinidade entre eles como modelos baseados no uso. Na subseção 2.2, aponto as evidências da filiação do modelo de Booij à LG.

2.1. O modelo de Joan Bybee

Langacker (2000) afirma que, na Morfologia, Joan Bybee desenvolveu um modelo baseado no uso muito antes de o termo *baseado no uso* ser criado por ele. Trata-se do modelo funcionalista mais afim à GC, seja pela clareza epistemológica, seja pelo compromisso com processos cognitivos de domínio geral a partir de Bybee (2010). Antes, contudo, sintetizo as principais contribuições de Bybee (1985) e Bybee (1988) para a formulação do modelo, sem a pretensão de reduzir uma vasta⁵ obra a esses textos.

2.1.1. Bybee (1985)

Bybee (1985) parte das inadequações do modelo Item & Processo. Uma delas é a suposição de que palavras complexas necessariamente são analisáveis em morfemas, que a autora denomina processamento analítico (com decomposição). Para a autora, a maior parte do que se considera irregular na morfologia das línguas naturais se deve ao processamento mecânico (sem decomposição), que se aplica aos itens lexicais mais usados.

A autora já defendia um continuum entre tipos de expressão do significado, **lexical – derivacional – flexional – gramaticalmente livre** (clíticos, partículas, auxiliares) – **sintático**, do maior ao menor grau de fusão. Com isso, alcança a integração entre a flexão e a derivação por entender que “A expressão derivacional se assemelha à expressão flexional na medida em que dois morfemas distintos são combinados numa única palavra”⁶ (Bybee, 1985, p. 12).

Para estabelecer tal *continuum*, a autora também leva em consideração a formação de morfemas flexionais a partir de palavras, como os morfemas que constituem o futuro do presente e o futuro do pretérito em português a partir do verbo *habēre*, respectivamente no presente e no pretérito imperfeito do indicativo, em latim. Trata-se de um caso de gramaticalização de um verbo a um sufixo, com o efeito de formação de um paradigma em que se verifica o mais alto grau de fusão: *amāre habeo* > *amar hei* > *amarei*, *amāre habes* > *amar hás* > *amarás*, *amāre habet* > *amar*

⁵ <https://ling.unm.edu/about/people/faculty/joan-bybee.html>

⁶ “It [derivational expression] resembles inflectional expression in that two distinct morphemes are combined in a single word.”

há > amar, amāre habemus > amar hemos > amaremos, amāre habetis > amar heis > amareis, amāre habent > amar hão > amarão. A autora defende que, quanto mais relacionadas semanticamente forem duas formas, mais relacionadas elas serão na forma de expressão, com diferentes graus de fusão.⁷

Nesta fase inicial, Bybee (1985) se refere ao modelo como um *modelo dinâmico de representação lexical*, mas já adota a notação que Bybee (2010) associa a um *modelo de exemplares*. Baseia-se fortemente em experimentos, um dos quais desenhado para verificar a aquisição da flexão verbal no PB:

[...] Simões e Stoel-Gammon 1979 observaram crianças adquirindo o português brasileiro que usavam a vogal da 3s do presente de certos verbos com alternâncias vocálicas na 1s: formas dos adultos: 1s /bebo/, 3s /bɛbe/, de *beber*, e 1s /durmo/, 3s /dɔrme/, de *dormir*. As primeiras formas das crianças eram: 1s /bɛbo/, 3s /bɛbe/, 1s /dɔrmo/, 3s /dɔrme/. Nesse caso, a forma de 3s é adquirida primeiro e usada como base para a formação da forma de 1s. Na aquisição do pretérito irregular do verbo *fazer*, cuja forma de 3s é *fez* e de 1s é *fiz*, uma criança produzia erros que indicavam que ela estava tentando formar a forma de pretérito a partir do radical do presente i.e. ela produzia *fazei* e *fazi* para 1s (usando os sufixos regulares para 1s). Nenhum erro foi observado, nem é provável que seja observado, em que a criança use o radical do pretérito para formar o tempo presente. A razão para essa assimetria em padrões de erro é que a criança impõe uma relação básico-derivado a essas formas, de modo que o presente é básico e o pretérito é derivado. (Bybee, 1985, p. 51, tradução própria)⁸

Os resultados desse experimento, entre outros, são interpretados como evidência da condição básica da 3ª pessoa singular do presente do indicativo por ser a mais frequente e de sua aquisição por processamento mecânico, de um lado, e como evidência da condição derivada da 1ª pessoa singular do pretérito perfeito do indicativo e de seu processamento analítico. Tais

⁷ Diessel (2019, p. 70-71) endossa a generalização segundo a qual afixos derivacionais resultam da gramaticalização de substantivos, como *-ly* em inglês e *-mente* em português, enquanto afixos flexionais resultam da gramaticalização de pronomes e verbos auxiliares. Perini-Santos e Mello (2011) acompanham essa generalização na descrição da formação de palavras no PB por gramaticalização, lexicalização e analogia. No entanto, há contraexemplos a tal generalização. Por exemplo, Freitas (2013) recupera a literatura que atesta a formação dos sufixos *-mento* (ex.: *investimento*) e *-menta* (ex.: *ferramenta*) em português a partir do sufixo *-mentum* (e seu plural, como neutro de 2ª declinação, *-menta*) em latim. O sufixo *-mentum*, por sua vez, resulta da combinação dos sufixos *-men* e *-to*. Nem na genealogia do sufixo *-mentum* nem nos cotejos com o sufixo *-tione*, a autora apresenta evidência de que um ou outro sufixo resulte da gramaticalização de um item lexical.

⁸ “[...] Simões and Stoel-Gammon 1979 observed children acquiring Brazilian Portuguese who used the vowel of the 3s present of certain verbs with vowel alternations in the 1s: adult forms: 1s /bebo/, 3s /bɛbe/, from *beber* ‘to drink’, and 1s /durmo/, 3s /dɔrme/, from *dormir* ‘to sleep’. The children's early forms were: 1s /bɛbo/, 3s /bɛbe/, 1s /dɔrmo/, 3s /dɔrme/. In this case, the 3s form is acquired first, and used as a base for the formation of the 1s form. In the acquisition of the irregular Preterite of the verb *fazer*, whose Preterite 3s form is *fez* and 1s is *fiz*, one child made errors which indicated that she was trying to form the Preterite from the stem of the Present, i.e. she produced *fazei* and *fazi* for 1s (using the regular suffixes for 1s). No errors were observed, nor are any likely to be observed, in which the child uses the stem of the Preterite in forming the Present tense. The reason for this asymmetry in error patterns is that the child imposes a basic-derived relation on these forms, such that the Present is basic and the Preterite is derived.”

evidências indicam a representação de algumas formas regulares, não de todas. A **autonomia** da 3ª pessoa singular é caracterizada por representação lexical à parte da representação das demais formas flexionadas ou derivadas e, por conseguinte, menor **conexão lexical** com as demais formas flexionadas ou derivadas. A **força lexical** que confere autonomia à 3ª pessoa singular aumenta cada vez que essa forma de palavra é ouvida e produzida, enquanto a aquisição da 3ª pessoa singular reforça seu processamento mecânico, numa correlação entre alta frequência de uso e preservação da irregularidade.

Em síntese:

- quanto mais frequente uma forma for, mais autônoma tende a ser, como a 3ª pessoa singular do presente do indicativo no PB e no PE;
- quanto maior for a diferença fonológica entre a forma básica e a forma derivada, mais autônoma a forma derivada tende a ser, o que reduz a conexão lexical entre elas;
- quanto maior for a diferença semântica entre a forma básica e a forma derivada, mais autônoma a forma derivada tende a ser, o que reduz a conexão lexical entre elas;
- a força lexical é uma noção gradiente e dinâmica por ser baseada no uso, com impacto direto na autonomia;
- a conexão lexical também é uma noção gradiente e dinâmica, sensível às propriedades fonológicas e semânticas que constituem uma relação morfológica.

O fato de Bybee (1985) não indicar a *construção* como unidade de análise situa este texto como anterior à caracterização do modelo como explicitamente construcional. No entanto, alguns aspectos fundamentais já estão presentes, como a busca por associações entre palavras por semelhanças fonológicas e/ou semânticas; o desdobramento das relações morfológicas entre fonológicas e semânticas; a integração entre a flexão, a derivação e a composição; e o caráter baseado no uso.

2.1.2. Bybee (1988)

Bybee (1988) reforça a rejeição ao modelo Item & Processo, enfatizando a inadequação da modelagem por regras e da dissociação entre regras e produtos.

Estou sugerindo, então, que o que costuma ser pensado como regras morfológicas não tem uma representação independente dos itens lexicais a que são aplicáveis. Ao contrário, regras são padrões ou esquemas representacionais altamente reforçados (Bybee e Slobin, 1982; Bybee e Moder, 1983). Um esquema pode ser pensado como uma abstração a partir de formas lexicais existentes que compartilhem uma ou mais propriedades semânticas. Um esquema contém as características mais fortemente representadas (i.e., representadas mais frequentemente) nas formas existentes em suas posições de ocorrência. Na medida em que um esquema se assemelha a um protótipo, a correspondência de uma forma a um esquema funciona mais em termos de semelhança de família que de correspondência categórica. (Bybee, 1988, p. 135, tradução própria)⁹

“Conforme enfatizado por Bybee (1988), mesmo regras gerais e produtivas, que parecem estar mais desligadas das representações, têm que emergir das representações no processo de aquisição” (Basilio, 2010, p. 8). Nessa proposta, a força lexical confere autonomia aos itens lexicais de uso mais frequente, enquanto a conexão lexical associa itens lexicais fonológica e/ou semanticamente. Assim, relações lexicais são descritas em diferentes graus de associação.

Quadro 1: descrição de divergência entre o PE e o PB segundo o modelo de Bybee.

Tome-se por exemplo a palavra *moleiro*. [A Padaria Portuguesa](#) anuncia que usa farinhas de moleiro. Trata-se de farinhas feitas por quem mói os grãos, que, por isso, não passam por processos químicos. Diacronicamente, a palavra *molinum* em latim evoluiu a *moinho* em português. A condição herdada explica por que esse *-inho* tem apenas status fonológico e a palavra é morfológicamente simples. Ainda em latim, formou-se o agentivo *molinarius*, que evoluiu a *moleiro* em português. Pelo modelo de Bybee, há conexão lexical entre *moinho* e *moleiro* no PE por associação fonológica e semântica, enquanto há a autonomia de *moinho* no PB, caracterizada pelo uso frequente e pelo processamento mecânico. No PE, *moleiro* também guarda conexão lexical por associação fonológica com outras palavras em *-eiro* num grau menor de associação por *mol-* não ocorrer em outras palavras com as quais possa estabelecer associação fonológica ou semântica.

No experimento sobre a aquisição da flexão no PB mencionado por Bybee (1985), a autora se referiu à 3ª pessoa singular do presente como básica e à 1ª pessoa singular do pretérito perfeito como derivada, no sentido de uma ser adquirida primeiro, por processamento mecânico, e a outra ser adquirida depois, por processamento analítico. Bybee (1988) passa a tratar a relação básico-derivado como interação entre a força lexical e a conexão lexical. A gradiência de ambas leva a autora ao questionamento das regras nos termos no modelo Item e Processo e à proposta

⁹ “I am suggesting, then, that what are usually thought of as morphological rules do not have a representation that is independent of the lexical items to which they are applicable. Rather, rules are highly reinforced representational patterns or schemas (Bybee and Slobin, 1982; Bybee and Moder, 1983). A schema may be thought of as an abstraction from existing lexical forms which share one or more semantic properties. The schema contains the features most strongly represented (i.e., represented most often) in existing forms in their positions of occurrence. Since the schema resembles a prototype, matching of form to a schema works on a family resemblance basis rather than a categorical basis.”

de esquemas.

Como se vê na citação acima, a autora remete a textos anteriores a Bybee (1985) para resgatar a substituição da modelagem por regras pela modelagem por construções; caracteriza os esquemas como abstrações a partir de itens lexicais que compartilhem propriedades semânticas; e adota o modelo radial de categorização¹⁰. Com isso, o modelo de Bybee, assim como o modelo de Langacker, privilegia esquemas que capturem regularidades entre poucas formas, enquanto a GG e a MC privilegiam esquemas que capturem regularidade máxima.

O vínculo ao léxico é mais claro quanto a alguns esquemas que quanto a outros. Em especial, o esquema que se aplica a menos formas revela mais evidência de vínculo ao léxico que o esquema que se aplica a um grande número de formas. Em geral, esquemas morfológicos amplamente aplicáveis (que costumam ser chamados de ‘regras’), como a sufixação regular para o tempo passado em inglês, parecem ser livres do léxico no sentido de que se aplicam prontamente a novas formas. (Bybee, 1988, p. 135, tradução própria)¹¹

A atenção a subpadrões caracteriza os modelos construcionais baseados no uso (cf. Langacker, 2000) exatamente pelo maior vínculo com o léxico. Retomo esse ponto na próxima subseção para concluir a apresentação do modelo de Bybee e nas seguintes para caracterizar o modelo de Booij como gerativo exatamente por partir de esquemas aplicáveis a um grande número de formas, especialmente às novas formas.

Um dos pareceres ao presente artigo afirma que “O fato de o enfoque estar mais nos níveis mais altos não significa que se negue que são emergentes dos usos concretos”. O ponto é que modelos baseados no uso não enfocam os níveis mais altos exatamente porque consideram tal enfoque uma evidência de idealização do léxico, conforme retomo adiante. Modelos baseados no uso são maximalistas, rompendo a tradição de descrições parcimoniosas.

2.1.3. Bybee (2010)

Um dos fundamentos da LC é a concepção da linguagem como um tipo de conhecimento integrado aos demais, a qual, por sua vez, exige uma concepção não modular da cognição. Daí, a

¹⁰ Do ponto de vista filosófico, essa formulação, comum à LF e à LC na adoção do modelo radial de categorização, é contraditória, pois *semelhança de família* é um conceito concebido numa filosofia não representacional da linguagem (cf. Glock, 1998; Martins, 1999).

¹¹ “The tie to the lexicon is clearer for some schemas than for others. In particular, the schema that applies to fewer forms shows more evidence of being tied to the lexicon than the schema that applies to a large number of forms. The general, widely applicable morphological schemas (what are usually called ‘rules’), such as the regular suffixation for English past tense, appear to be free of the lexicon in the sense that they apply readily to new forms.”

adoção de processos cognitivos de domínio geral. Quais são esses processos é o que distingue os modelos da LC. O único consensual é a categorização, em seu modelo radial.

Os processos cognitivos de domínio geral na GC são: **associação, automatização, categorização e esquematização**. Em sua atuação na linguagem, a associação é o processo pelo qual uma estrutura fonológica e uma estrutura semântica formam uma construção; a automatização é o processo pelo qual construções se rotinizam no indivíduo e se convencionalizam na comunidade; a categorização é o processo pelo qual uma experiência nova é comparada com uma experiência anterior, resultando em domínios; e a esquematização é o processo pelo qual o que há de geral é apreendido a partir do que há de específico, como o alicerce a partir de um prédio e de uma casa, a forma circular a partir de um anel e da lua cheia, CV a partir de ar- *ti - go* e [X + ção] a partir de *declaração* e de *preparação*.

Diretamente inspirada nesses, Bybee (2010) passa a adotar os seguintes processos cognitivos de domínio geral: **analogia, associação transmodal, armazenamento por memória rica, chunking e categorização**. Em resumo, a analogia é o processo pelo qual enunciados novos são criados com base em enunciados previamente experienciados, no que a analogia pressupõe a categorização; a associação transmodal é a própria combinação entre forma e significado; o armazenamento por memória rica permite a representação de detalhes da experiência, desde sutilezas fonéticas até inferências entre enunciados; o *chunking*, assim como a automatização na GC, é o processo pelo qual sequências de unidades são representadas e usadas juntas, um processo fortemente afetado pela repetição, responsável por fenômenos como a colocação (*collocation* na tradição gramatical do inglês); e a categorização é exatamente como em todos os modelos da LC.

No modelo desenvolvido por Bybee (1985, 1988, 2010), o processo cognitivo de domínio geral que mais influi na substituição da modelagem por regras pela modelagem por construções é a analogia. Ela é a responsável por todas as associações previstas por Bybee (1985, 1988), como as indicadas no quadro 1, e permite à Bybee (2010) o tratamento da morfologia por *redes de associações*, que podem ser fonológicas ou semânticas.

Uma vantagem dessa abordagem à análise morfológica é que ela não exige que uma palavra seja exaustivamente analisada em morfemas. Por exemplo, a forma de tempo passado *had* em inglês pode ter uma conexão com o sufixo geral do passado via sua consoante final apesar de a parte restante da palavra [hæ] não ser um morfema por si só. Da mesma forma, *capable* parece ter o sufixo *-able* indicando apropriadamente um adjetivo apesar de *cap-* sozinho não significar nada. (Bybee, 2010, p. 23, tradução

própria)¹²

Nessa exemplificação, as associações podem se dar entre verbos no passado ou entre adjetivos em *-able*, sem distinção entre a flexão e a derivação. Por sua vez, a desnecessidade de atribuir categoria e/ou significado a *ha-* ou *cap-* é uma das postulações que atestam o caráter deste modelo como baseado no uso e em construções que guardam relação direta com as palavras a partir das quais emergem.

Isso é apropriado porque o que usuários de uma língua experienciam são instâncias ou ocorrências específicas de construções. Eles projetam ocorrências semelhantes umas sobre as outras para estabelecerem exemplares e esses exemplares se agrupam para formarem categorias que representem tanto o elemento invariável quanto o elemento variável em construções. (Bybee, 2010, p. 26, tradução própria)¹³

Portanto, este modelo construcional pode ser caracterizado como um modelo de exemplares relacionados graças à analogia e agrupados graças à categorização, com maior poder explicativo e descritivo que os modelos baseados em regras por duas das cinco razões que Bybee (2010, seção 4.7) enumera:

- A analogia incide sobre padrões construcionais ou itens lexicais específicos, agrupando os semelhantes, mas padrões e itens muito frequentes podem resistir à analogia, caso em que seriam exceções num modelo de regras, enquanto recaem na gradiência entre o mais regular e o mais irregular neste modelo construcional. Por sua vez, os padrões construcionais, os esquemas e as categorias emergem no léxico, concebido como rede de construções (*constructicon* – mescla entre *construction* e *lexicon*), ou seja, não existem independentemente dos itens lexicais dos quais emergem.
- A produtividade de esquemas é gradiente por ser diretamente afetada pelo número de itens envolvidos, enquanto a produtividade de regras é absoluta por ser independente do número de itens envolvidos. “Então, a maior ou menor frequência de aplicação de uma RFP a certo tipo de base não deve ser confundida com as condições de produtividade”

¹² “One advantage of this approach to morphological analysis is that it does not require that a word be exhaustively analysed into morphemes. For instance, the Past Tense form *had* in English may have a connection to the general Past suffix via its final consonant, even though the remaining part of the word [hæ] is not a morpheme in itself. Similarly, *capable* appears to have the *-able* suffix appropriately signalling an adjective even though *cap-* by itself does not mean anything.”

¹³ “This is appropriate because what language users experience is specific instances or tokens of constructions. They map similar tokens onto one another to establish exemplars and these exemplars group together to form categories that represent both the fixed and schematic slots in constructions.”

(Basilio, [2012] 2023, p. 91). Isso explica por que, no modelo de Bybee e no modelo de Langacker, “[...] existe razão para acreditar que esquemas de nível mais baixo, exprimindo regularidades apenas de um escopo limitado, podem, no geral, ser mais essenciais à estrutura de uma língua que esquemas de alto nível representando as generalizações mais abrangentes”¹⁴ (Langacker, 2000, p. 3).

Nesses termos, as afinidades entre o modelo de Bybee e o modelo de Langacker refletem “[...] uma grande compatibilidade de perspectiva entre os pesquisadores envolvidos, certamente não uniformidade teórica”¹⁵ (Langacker, 2008, p. 7). Eis uma síntese comparativa:

- (i) No modelo de Bybee, não há uma notação específica para construções morfológicas; no modelo de Langacker, há, como em [V + ção], por exemplo; em ambos os modelos, construções são representadas por um elemento invariável e um elemento variável, ponto a que retorno na subseção 2.2.4.
- (ii) No modelo de Bybee, o processo cognitivo de domínio geral que mais explica a plausibilidade da modelagem construcional é a analogia; no modelo de Langacker, é a esquematização.
- (iii) No modelo de Bybee, a analogia é o processo cognitivo que causa associação; no modelo de Langacker, a associação é um processo cognitivo.
- (iv) No modelo de Bybee, os esquemas são alocados no léxico; no modelo de Langacker, são alocados na gramática.
- (v) No modelo de Bybee, dados diacrônicos sobressaem a dados sincrônicos; no modelo de Langacker, dados sincrônicos sobressaem a dados diacrônicos.
- (vi) No modelo de Bybee, a análise dos dados por verificação empírica (especialmente a experimental) sobressai à análise por intuição; no modelo de Langacker, a análise dos dados se dá exclusivamente por intuição (v. Geeraerts, 2006).

A GC distingue entre a gramática como rede de esquemas e o léxico como rede expressões, enquanto o modelo de Bybee distingue entre a morfologia como rede de associações e o léxico como rede de construções (*constructicon*), sendo a principal afinidade entre os dois modelos a concepção de rede. Langacker (2000) explicita que a força lexical para Bybee corresponde aos

¹⁴ “[...] there is reason to believe that lower-level schemas, expressing regularities of only limited scope, may on balance be more essential to language structure than high-level schemas representing the broadest generalizations.”

¹⁵ “[...] a broad compatibility of outlook among the scholars concerned, certainly not theoretical uniformity.”

graus de rotinização e convencionalidade para ele e que a esquematização em seu modelo captura exatamente a conexão lexical no modelo de Bybee.

Por sua vez, Diessel (2019) distingue entre redes morfológicas, organizadas pela conexão lexical em Bybee (1985) (v. Diessel, 2019, figura 5.3, p. 74), e redes conceituais, organizadas por domínios e enquadres (v. Diessel, 2019, figura 2.4, p. 18), que ativam o conhecimento enciclopédico por espraiamento (*spreading activation*), na formação de uma rede lexical, formada por associações fonéticas, morfológicas e semânticas (v. Diessel, 2019, figura 10.1, p. 202).

Dessa forma, os modelos funcionalistas e o modelo cognitivista oferecem uma alternativa construcional baseada no uso ao modelo gerativo organizado por RFPs. Basilio (1997) aponta que, “Se nos ativermos a RFPs, teremos apenas configurado um léxico de formas bem-comportadas, apresentando funções restritas e previsíveis e determinação categorial estrita das bases e produtos de RFPs” (p. 18). A autora defende a substituição de RFPs pelo princípio da analogia, nos termos da quarta proporcional saussureana, princípio que não equivale à analogia como um processo cognitivo de domínio geral, mas o princípio e o processo têm em comum aproveitarem a experiência anterior na experiência posterior não exclusivamente linguística. O preço da adoção dessa proposta seria “[...] re-pensar todos os processos descritos por RFPs e mesmo, talvez, pensar pela primeira vez o que são RFPs” (p. 20). É exatamente esse o objetivo comum aos modelos construcionais, cada um refletindo pressupostos da teoria a que se filia.

Os dados que levam a autora formular tal proposta são palavras que permitem (i) a identificação do afixo, mas não da categoria da base por ser presa; (ii) a identificação do afixo, mas não a estipulação de uma única RFP que reúna os poucos produtos, como, por exemplo, *arvoredo*, *rochedo* e *brinquedo*; e (iii) a identificação do afixo, mas não a caracterização das palavras como produtos de uma RFP produtiva por serem casos isolados, como, por exemplo, *terrestre*, *pedestre* e *campestre*, no que (iii) se sobrepõe a (ii). Processos não concatenativos também são levados em consideração por Basilio (1997) para se afastar da modelagem do léxico com base em RFPs.

Essa problematização concentra duas ordens de questões. Uma diz respeito à dissociação entre as regras e as formas que as regras afetam (v. Bybee, 1988, 2010). Outra diz respeito a “um léxico de formas bem-comportadas” (v. Basilio, 1997). O modelo de exemplares proposto por Bybee (1985, 1988, 2010) supera ambas ao articular a aquisição, a variação e a mudança como fenômenos gradientes vinculados ao uso. Na próxima subseção, passo a explicar por que o modelo proposto por Booij (2005, 2010, 2013) e Booij *et al* (2021) supera a primeira ordem de questões com a substituição da modelagem por regras pela modelagem por construções, mas não a

segunda por parecer mas não ser baseado no uso.

2.2. O modelo de Geert Booij

Conforme apontei na seção anterior, o modelo de Bybee e o modelo de Langacker guardam afinidades. Algumas delas são comuns a modelos construcionais não baseados no uso, como a posição contra a dissociação entre regras e produtos.

Langacker (2000) caracteriza tal dissociação como uma falácia:

Tradicionalmente, em descrições gerativas, as expressões instanciadoras seriam excluídas da gramática por questão de economia. Já que elas são regularmente derivadas por regra, listá-las individualmente seria perder a generalização. Esse raciocínio, entretanto, se baseia no pressuposto espúrio de que regras e listas se excluem mutuamente (a **falácia regra/lista**). Há uma via alternativa: incluir na gramática tanto regras quanto expressões instanciadoras. (p. 2, tradução própria)¹⁶

Booij (2005, p. 125) endossa a rejeição à dissociação ao afirmar que “A existência de esquemas abstratos e produtivos para palavras complexas não significa que essas palavras não estão mais armazenadas no léxico.”¹⁷

Assim, os modelos de Bybee, Langacker e Booij rejeitam a dissociação que foi instituída pela versão fraca da hipótese lexicalista.

[...] há ainda a considerar a Hipótese Lexicalista Forte, sustentada por M. Halle (1973), R. Jackendoff (1975), E. Williams (1987), que defende um tratamento unificado da Morfologia, com base no facto de quer a derivação, quer a flexão recorrerem a processos formais idênticos (afixação), e a chamada Hipótese Lexicalista Fraca, que defende uma separação radical entre processos flexionais e processos derivacionais. (Rio-Torto, 1998, nota 32, p. 60, tradução própria)

A afinidade com a versão forte se deve ao fato de a versão fraca ratificar a dicotomia entre a gramática e o léxico, que tem por consequência a demarcação entre a flexão e a derivação.

Marcas que derivam substantivos a partir de outras categorias são tradicionalmente rotuladas **derivacionais**. De interesse mais imediato são marcas não derivacionais, que

¹⁶ “Traditionally, in generative accounts, the instantiating expressions would be excluded from the grammar on grounds of economy. Since they are regularly derivable by rule, to list them individually would be to miss a generalization. This reasoning however rests on the spurious assumption that rules and lists are mutually excluded (the **rule/list fallacy**). There is a viable alternative: to include in the grammar both rules and instantiating expressions.”

¹⁷ “The existence of abstract, productive schemes for complex words does not mean that these words are no longer stored in the lexicon.”

costumam ser chamadas **flexionais**. Nem um pouco de tinta foi derramado sobre a questão de como e onde desenhar a linha, mas da perspectiva da GC tal discussão é totalmente fora do ponto. A própria noção de que há uma linha específica de demarcação se baseia em suposições teóricas (e.g. uma distinção categórica entre léxico e gramática) vistas na GC como gratuitas e empiricamente problemáticas. (Langacker, 2008, p. 346, tradução própria)¹⁸

Por isso, os três modelos convergem quanto à suspensão de demarcações artificiais. O que afasta a MC dos outros dois modelos é, de um lado, a afinidade epistemológica entre a LF e a LC, que invoca processos cognitivos de domínio geral e dispensa a generalização máxima, e, de outro, a filiação da MC aos fundamentos da LG, razão por que não se baseia em processos cognitivos de domínio geral e busca a generalização máxima.

2.2.1. Boij (2005)

Boij (2005) parte de duas demarcações consolidadas na literatura, entre compostos e sintagmas e entre a flexão e a derivação, e chama a atenção para uma terceira, entre a derivação e a composição. Na descrição do PB, essa demarcação tem o mesmo peso que as duas primeiras em razão da posição estabelecida por Câmara Jr. (1989), segundo a qual a prefixação faz parte da composição, e não da derivação. Em síntese, o autor considera os prefixos como contrapartes presas das preposições e define como palavra uma forma não presa mínima, o que resulta em considerar as preposições como palavras (v. Schwindt, 2001, 2014). Se prefixos são versões presas de preposições e preposições são palavras, então a prefixação consiste na combinação entre uma palavra e outra palavra, caracterizando-se como composição. Com base na TO, Schwindt (2001) divide os prefixos entre legítimos (sem acento) e composicionais (com acento) e restringe aos composicionais o comportamento que Câmara Jr. (1989) estende a todos os prefixos do PB. Com base na LC, Almeida e Lemos de Souza (2015) entendemos que a heterossemia organiza a distribuição semântica entre preposições e prefixos, razão pela qual preposições perspectivizam na sintaxe, prefixos perspectivizam na morfologia, e ambos os componentes da gramática se mostram semanticamente motivados.

Boij (2005) rejeita a abordagem da prefixação como parte da composição, considera os

¹⁸ “Markings that derive nouns from other categories are traditionally labeled **derivational**. Of more immediate concern are nonderivational markings, usually referred to as **inflectional**. Not a little ink has been spilled over the issue of how and where to draw the line, but from a CG perspective such discussion is largely beside the point. The very notion that there is a specific line of demarcation rests on theoretical assumptions (e.g. a categorical distinction between lexicon and grammar) viewed in CG as being both gratuitous and empirically problematic.”

prefixos como resultados da gramaticalização das preposições e categoriza tais prefixos como afixoides e defende que não há uma fronteira entre a derivação e a composição (v. Gonçalves, 2011, 2015). Já a ocorrência de prefixos como palavras, como *ex* no português e no inglês, permitindo a referência a um(a) ex-namorado/a ou ex-marido/esposa apenas como *ex*, é tratada por Schwindt (2001) como evidência sincrônica da condição composicional do prefixo e por Booij (2005) como evidência diacrônica da desgramaticalização do prefixo.

O ponto enfatizado por Booij (2005) é que as propostas de integração entre a flexão e a derivação contribuem para apartar a derivação e a composição. A proposta do autor, por sua vez, é suspender a pretensão de demarcação nítida entre a derivação e a composição, divergindo, assim, de Anderson (1992). Para tanto, enfatiza casos limítrofes¹⁹ e defende que “[...] a atribuição de estrutura morfológica constitutiva a palavras por meio de derivação afixal parece ser bem motivada e torna tais palavras derivadas estruturalmente semelhantes a compostos”²⁰ (Booij, 2005, p. 122). Coerentemente com a LG, a rejeição de Booij (2005) à demarcação entre a derivação e a composição é formulada como rejeição a que cada processo seja atribuído a um módulo da gramática, e não como rejeição à modularidade. Daí a ausência de processos cognitivos de domínio geral na MC.

No lugar de regras de formação de palavras (RFP) na derivação e de regras de estrutura de palavras (REP) na composição, o autor propõe capturar a semelhança estrutural entre a composição, a sufixação e a prefixação por meio dos seguintes **esquemas de formação de palavras**:

composição: [[X]_x [Y]_y]_y

sufixação: [[X]_x Y]_y

prefixação: [X [Y]_y]_y

¹⁹ Com base no lexicalismo gerativo, Basilio (1987, cap. 5) distingue entre a derivação como combinação base + afixo e a composição como combinação base + base e apresenta bases que se repetem na primeira posição, como *porta-* e *guarda-*, um comportamento típico de prefixos. O pressuposto é que a composição é esporádica, e não recorrente. O único exemplo de recorrência na segunda posição é o de *-mente*, que difere dos demais pela efetiva gramaticalização de um substantivo a um sufixo. Esse caso é revisitado pela literatura por ilustrar, de um lado, a demarcação entre a sintaxe (em que o substantivo *mente* é o núcleo de um SN) e a composição (em que o substantivo *mente* é a cabeça lexical) e, de outro, a demarcação entre a composição, “[...] um processo de formação de palavras que utiliza estruturas sintáticas para fins lexicais” (Basilio, 1987, p. 30), e a derivação (em que *-mente* é um sufixo). Basilio (1998) retoma de Basilio (1987) a questão; explora a demarcação entre flexão e derivação ao cogitar da descrição de *-(a)mente* como um sufixo flexional; atribui a conservação da concordância à composição, e não à sintaxe; e reconhece o caso como limítrofe “[...] entre uma derivação esdrúxula e um caso estranho de composição com finalidades de mudança categorial” (Basilio, 1998, p. 18).

²⁰ “[...] the assignment of morphological constituent structure to words derived by means of affixal derivation appears to be well motivated, and make such derived words structurally similar to compounds.”

Nesses esquemas, a diferença entre a composição e a derivação é indicada pelos rótulos categoriais de X e Y na composição, de um lado, e pelo rótulo categorial de apenas X (sufixação) ou Y (prefixação) na derivação, de outro. O esquema relativo à composição (formalizado com base em línguas em que os compostos têm a cabeça lexical à direita, como o inglês e o holandês) teria por especificação semântica ‘Y com alguma relação com X’, configurando o pareamento entre forma e significado.

Além da pressuposição da modularidade, a MC apresenta duas outras razões para sua inclusão entre os modelos construcionais gerativos. Uma é que os esquemas de formação de palavras são exatamente o que seriam os produtos de REPs na composição e de RFPs na derivação, o que demonstra um raciocínio que parte de regras formais, abandona-as por não atenderem à expectativa de produtividade e converte seus produtos em esquemas formais. A segunda é que a especificação semântica, por não ser o ponto de partida do modelo, é de uma vagueza sem lugar na LC (‘Y com alguma relação com X’).

Os esquemas de formação de palavras não cabem nem no modelo de Bybee nem no modelo de Langacker exatamente porque mantêm “um léxico de formas bem-comportadas”. Isso se constata com a categorização de [X] na formalização da sufixação – [[X]_x Y]_y, – e de [Y] na formalização da prefixação – [X [Y]_y]_y –, o que, mesmo na modelagem por regras, não contempla as bases presas e enfoca a formação de palavras. Essa é a ordem de questões que a MC não supera.

Ao manter o foco na dimensão ativa da formação de palavras, a MC repete a versão fraca da hipótese lexicalista. A versão forte, que a MC parece acompanhar ao rejeitar a dicotomia regra/lista, prioriza regras de redundância: “[...] as regras de redundância não desempenham um papel ativo numa derivação, mas funcionam como uma parte da medida de avaliação para o léxico”²¹ (Jackendoff, 1975, p. 645).²²

No entanto, os esquemas de formação de palavras garantem economia à MC com a substituição de uma RFP para cada prefixo ou sufixo por apenas dois esquemas: um relativo ao processo de prefixação e outro relativo ao processo de sufixação.

²¹ “[...] the redundancy rules do not play an active role in a derivation, but rather function as a part of the evaluation measure for the lexicon.”

²² Modelos baseados no uso articulam a dimensão passiva e a dimensão ativa. A primeira concepção da instanciação na GC é como “[...] funcionalmente equivalente a uma ‘regra de redundância lexical’ (cf. Jackendoff 1975)” (Langacker, 1987, p. 400). Tradução minha para: “[...] functionally equivalent to a ‘lexical redundancy rule’ (cf. Jackendoff 1975) [...]”.

A ideia básica de esquemas construcionais é que eles representam generalizações sobre conjuntos de palavras complexas com vários graus de abstração. As palavras complexas mesmas são especificadas individualmente no léxico na medida em que são lexemas estabelecidos e convencionalizados. A relação entre o esquema abstrato e as instanciações individuais desse esquema podem ser representadas como uma árvore com o esquema construcional como o nó dominante. Palavras individuais formam os nós mais baixos das árvores e herdam as propriedades dos nós pelos quais são dominadas. (Booij, 2005, p. 123, tradução própria)²³

A leitura da citação acima até “convencionalizados” leva a filiar a MC aos modelos baseados no uso, não necessariamente à LC. Já “A relação entre o esquema abstrato e as instanciações individuais desse esquema” é concebida de cima para baixo. Apesar de afirmar que há “vários graus de abstração”, o grau formalizado é o máximo, representado pelos três esquemas de formação de palavras, exatamente os que não têm lugar num modelo construcional baseado no uso por não haver base empírica para a esquematização levar sempre a esse grau.

Tomando por exemplo o esquema da sufixação como nó mais alto, $[[X]_x Y]_y$, o grau imediatamente inferior de abstração é representado por *constructional idioms* (termo emprestado de Jackendoff, 2002), como $[[X]_v \text{ção}]_s$, caracterizado por sua condição de nó intermediário, enquanto uma palavra, como *produção*, representa o nó mais baixo. A hierarquia entre $[[X]_x Y]_y$, $[[X]_v \text{ção}]_s$ e *produção* corresponde a uma árvore de herança lexical, em que nós mais baixos herdam informação redundante dos nós mais altos.

²³ “The basic idea of constructional schemas is that they represent generalizations about sets of complex words with varying degrees of abstraction. The complex words themselves are specified individually in the lexicon to the extent that they are established, conventionalized lexemes. The relation between the abstract scheme and the individual instantiations of that scheme can be represented as a tree with the constructional schema as the dominating node. Individual words form the lowest nodes of the trees, and inherit the properties of the nodes by which they are dominated.”

Quadro 2: descrição de convergência entre o PE e o PB segundo os modelos de Bybee, Langacker e Booij.²⁴

Tome-se por exemplo a palavra *fiação*. Pelo modelo de Bybee, o uso dessa palavra deflagra o processo cognitivo de domínio geral **analogia**, pelo qual cada falante identifica *-ção* e estabelece conexão lexical entre essa palavra e todas as demais terminadas em *-ção* por associação fonológica e semântica, numa rede de exemplares. Pelo modelo de Langacker, o uso dessa palavra deflagra o processo cognitivo de domínio geral **esquematisação**, pelo qual cada falante abstrai o esquema [V + ção] e pode usá-lo na formação de novas palavras. Pelo modelo de Booij, o uso dessa palavra deflagra a inferência do *construction idiom* [[X]_v ção]_s, o que pressupõe o verbo *fiar* para estabelecer herança lexical entre o esquema de formação de palavras [[X]_v Y]_s, o *construction idiom* [[fiar]_v ção]_s e *fiação*, o que não tem respaldo empírico. O modelo de Bybee, por sua vez, prevê conexão lexical entre *fio* e *fiação* por associação fonológica e semântica, enquanto o modelo de Langacker prevê associação metonímica entre *fio* e *fiação*, no que ambos dispensam *fiar* da relação entre *fio* e *fiação*, dada a baixíssima, se não nula, frequência de uso de *fiar*.

Dessa forma, o modelo de Booij permite apenas remeter ao *construction idiom*, que, por sua vez, é instanciado por uma forma bem-comportada – *fiar*, pertencente à categoria V. Outra evidência de filiação à LG é a concepção de que a formação de palavras pela instanciação de um *construction idiom* se dá por uma operação formal²⁵, chamada *unificação*, em que, aproveitando o exemplo anterior ao quadro, o verbo *produzir* é unificado ao *construction idiom* [[X]_v ção]_s. Booij (2005) entende que essa concepção formal da instanciação corresponde às relações de herança presentes em modelos construcionais com clara filiação cognitivista, entendimento que não consigo acompanhar, na medida que tais modelos não estipulam a herança a partir de processos, de cima para baixo, e sim a partir de instâncias, de baixo para cima.

Novamente, contribui para a dificuldade na identificação epistemológica da MC a ambivalência do modelo. Uma vez caracterizada a instanciação como um fenômeno organizado por uma operação formal, a aquisição dos esquemas é descrita nos termos de um modelo baseado no uso:

²⁴ Em 26/5/2024, a busca por *fiação* no Corpus do Português (<https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>) revelou 619 ocorrências no PB e 178 no PE. A busca por *fiar* revelou 271 ocorrências no PB e 376 no PE. A menor frequência do verbo que a do substantivo já estaria demonstrada por esses números. No entanto, a busca por *fiar* traz ocorrências de dois verbos homônimos: *fiar*¹, formado a partir de *fé*, como em “[...] trata-se apenas de uma lenda, que, provindo da altura das invasões napoleônicas, não é de fiar” no PE; e *fiar*², formado a partir de *fio*, como em “A partir de 1764, James Hargreaves inventou e introduziu no mercado a famosa spinning Jenny, uma máquina de fiar que multiplicou a produção em vinte e quatro vezes” no PB. Com isso, a frequência de *fiar*², pertinente à exemplificação no quadro 2, é bem menor que a de *fiação*, o que torna plausível supor que um falante do PE ou do PB conheça e use o substantivo sem conhecer ou usar o verbo.

²⁵ Podem ser duas, *unificação* e *conflação*, quando a unificação se der entre dois esquemas, e não apenas entre uma palavra e um esquema. Por exemplo, há línguas em que a instanciação do esquema [SS] pode se dar por um S composto, caso em que a palavra resultante envolve a unificação de um S que já é SS ao esquema [SS], como em [[SS] S] ou [[S] [SS]]. Booij (2010, p. 547) exemplifica [[SS] S] em inglês com [[reference book] [shelf]] e [[kitchen towel] [rack]]. Ambas as operações podem ser vistas como versões de *merge* (v. Chomsky, 2020).

Usuários de uma língua adquirem conhecimento desses esquemas morfológicos abstratos na base de seu conhecimento de um conjunto de palavras que instanciam esse padrão. Uma vez que eles encontram um número suficiente de palavras de um certo tipo, eles podem inferir um esquema abstrato e serão capazes de estender essa classe de palavras. Como Tomasello (2000: 238) aponta, o ponto final de aquisição da língua deve ser definido “em termos de construções linguísticas com variados graus de complexidade, abstração e sistematicidade”. Isso também se aplica ao nível das construções morfológicas. (Booij, 2005, p. 124, tradução própria)²⁶

Assim, a leitura de um trecho de Booij (2005) indica uma filiação teórica inconciliável com a indicada pela leitura de outro trecho de Booij (2005). Essa última citação endossaria a compreensão de Gonçalves (2016, p. 20) de que a MC “[...] se inscreve no paradigma da Linguística Cognitiva [...]”. No entanto, a interpretação sistêmica da obra afasta a MC da LC.

2.2.2. Booij (2010a, 2010b)

Booij (2010b) começa sua reflexão comparando duas abordagens a palavras complexas estruturalmente. A estruturalista, baseada em morfemas, e a gerativista, baseada em palavras (cf. Basilio, 1980, 1987, 1997). Ao aproximar a Linguística Estruturalista norte-americana (LE) e a MD quanto à formação de palavras a partir de morfemas, o autor dá a entender que a concepção de morfema segundo a MD equivale à concepção de morfema segundo a LE.

No entanto, o conceito de *morfema* corresponde a um segmento para LE, enquanto corresponde ora a um nó sintático terminal, ora a um item de vocabulário para a MD (cf. Halle; Marantz, 1994; Marantz, 1997; Scher; Bassani; Minussi, 2013). Portanto, a afinidade quanto à formação de palavras a partir de unidades menores que palavras não permite aproximar concepções de morfema que refletem compromissos epistemológicos inconciliáveis. Trata-se do mesmo raciocínio que reúne os modelos construcionais ignorando a teorização que lhes dá sentido.

O objetivo de Booij (2010b) com a comparação é alinhar a MC às abordagens baseadas em palavras, na medida em que os esquemas são inferidos de palavras. Em seguida, Booij (2010b) remonta aquela descrição formulada por Booij (2005), segundo a qual a aquisição da língua parte de palavras para a inferência de esquemas, desde a tradição histórico-comparativa do século XIX

²⁶ “Language users acquire knowledge of these abstract morphological schemas on the basis of their knowledge of a set of words that instantiate this pattern. Once they have come across a sufficient number of words of a certain type, they can infer an abstract scheme, and will be able to extend that class of words. As Tomasello (2000: 238) points out, the endpoint of language acquisition is to be defined ‘in terms of linguistic constructions of varying degrees of complexity, abstraction, and systematicity’. This also applies to the level of morphological constructions.”

até a HPSG, modelo mencionado por Geeraerts (2006) na multiplicidade teórica. Isso não torna a HPSG um modelo baseado no uso, assim como a adoção da expressão “falácia regra/lista” não filia a MC à LC. Apenas reforça a referida afinidade entre os modelos de morfologia construcional contra o modelo Item & Processo.

A MC assume que palavras complexas, i.e., os produtos de operações morfológicas, podem ser listadas no léxico. Esquemas morfológicos, assim, têm duas funções: eles exprimem propriedades previsíveis de palavras complexas reais e indicam como novas podem ser formadas (Jackendoff 1975). Essa concepção de gramática evita a bem conhecida falácia regra *versus* lista (Langacker 1987), a suposição injustificada de que construtos linguísticos são ou gerados por regra ou listados e de que ser listado exclui um construto linguístico de ser ligado a uma regra ao mesmo tempo. (Booij, 2010b, p. 544, tradução própria)²⁷

Aqui, Booij (2010b) reconhece a afinidade entre Jackendoff (1975) e Langacker (1987) (v. nota 23), reforça a rejeição à dissociação entre regras e produtos, mas não demonstra como a MC dá conta da dimensão passiva da formação de palavras, se os esquemas de formação que postula pressupõem a plena identificação e categorização das bases. Por isso, considero indispensável discernir entre afinidades compartilhadas por modelos baseados no uso (orientação de baixo para cima) e afinidades compartilhadas por modelos construcionais (modelagem associada a diferentes fundamentos teóricos). Sem isso, toda teoria linguística que descreva dados do uso real seria baseada no uso, assim como todo modelo que estipule a construção como unidade de análise seria cognitivista.

A noção ‘construção’ desempenha um papel importante em diversos modelos linguísticos recentes: Gramática de Construções (Goldberg 1995, 2006; Croft 2001; Fried e Östman 2004), Modelo de Sintaxe Simplificada (Culicover e Jackendoff 2005, 2006), Linguística Cognitiva (Langacker 1999) e HPSG (Sag et al. 2003; Sag 2007). (Booij, 2010b, p. 545, tradução própria)²⁸

Aqui, Booij (2010b) parece reconhecer esse discernimento ao referir-se à LC, não como teoria a que a MC se filia, mas como uma das teorias que, assim como a MC, adotam a unidade *construção*. Assim, vai ao encontro de Diessel (2019), citado na introdução deste artigo, quanto a

²⁷ “CM assumes that complex words, i.e. the outputs of morphological operations, can be listed in the lexicon. Morphological schemas therefore have two functions: they express predictable properties of existing complex words and indicate how new ones can be coined (Jackendoff 1975). This conception of the grammar avoids the well known rule *versus* list fallacy (Langacker 1987), the unwarranted assumption that linguistic constructs are either generated by rule or listed and that being listed excludes a linguistic construct from being linked to a rule at the same time.”

²⁸ “The notion ‘construction’ plays an important role in a number of recent linguistic models: Construction Grammar (Goldberg 1995, 2006; Croft 2001; Fried and Östman 2004), the Simpler Syntax Model (Culicover and Jackendoff 2005, 2006), Cognitive Linguistics (Langacker 1999), and HPSG (Sag et al. 2003; Sag 2007).”

“teorias relacionadas [pela adoção da unidade *construção*] que não são todas baseadas no uso”.

Uma inovação em Booij (2010a) relativamente a Booij (2005, 2010b) é a noção de herança *default*, segundo a qual o nó mais baixo pode não herdar propriedades do nó mais alto. Trata-se de um ajuste no modelo para contornar a evidente inadequação de pressupor que uma instância sempre herde propriedades de um esquema de formação de palavras. O ajuste, no entanto, não elimina a orientação de cima para baixo.

O espírito “de cima para baixo” da gramática gerativa é evidente em sua ênfase em regras gerais e princípios universais, bem como em sua negligência histórica ao léxico e a subpadrões de nível mais baixo e na paciente enumeração de idiosincrasias. [...] Outra faceta da orientação de baixo para cima da Gramática Cognitiva é a afirmação de que “regras” só podem emergir como esquematizações de expressões amplamente ocorrentes. Por mais longe que essa abstração possa chegar, os esquemas que emergem brotam do solo do uso real. (Langacker, 2000, p. 2-3, tradução própria)²⁹

Assim, não basta aludir a esquemas e instâncias, como Booij (2005) na subseção 2.2.1, ou a subpadrões, como Booij *et al* (2021) na subseção 2.2.4, para tornar a MC um modelo baseado no uso. É indispensável conceber o modelo de baixo para cima, o que levaria à renúncia da direcionalidade que parte de esquemas de formação de palavras, mas o que se vê em Booij (2010a) é um dispositivo que dispensa a herança a partir do nó mais alto, não dispensa o próprio nó mais alto como ponto de partida.

2.2.3. Booij (2013)

Hoffmann e Trousdale (2013) reúnem modelos construcionais a despeito da filiação teórica sob a denominação Gramática de Construções, refletindo a afinidade em torno da unidade *construção* apontada por Diessel (2019). Inserido nesse compêndio, Booij (2013) passa a apresentar seu modelo como Morfologia na Gramática de Construções e a aderir à designação do léxico como *constructicon* (v. subseção 2.1). O autor reforça que os esquemas devem ser listados no léxico, que “[...] esquemas exprimem o poder gerativo da gramática”³⁰ (p. 2) e que sua concepção hierárquica do léxico coincide com a da versão forte da hipótese lexicalista.

Uma novidade em Booij (2013) relativamente a Booij (2005, 2010a, 2010b) é a adoção da

²⁹ “The ‘top-down’ spirit of generative grammar is evident in its emphasis on general rules and universal principles, as well as its historic neglect of lexicon, low-level subpatterns, and the patient enumeration of idiosyncrasies. [...] Another facet of Cognitive Grammar’s bottom-up orientation is the claim that ‘rules’ can only arise as schematizations of overtly occurring expressions. However far this abstraction may proceed, the schemas that emerge spring from the soil of actual use.”

³⁰ “[...] schemas express the generative power of the grammar.”

notação proposta por Jackendoff (2002), em que a representação semântica é incorporada à formalização dos esquemas. Assim, o esquema da composição passa a ser: $[X_i Y_j]_{Yk} \leftrightarrow [SEM_{Yj} \text{ with relation } R \text{ to } SEM_{X_i}]_k$ (cf. Booij, 2017).

Nessa notação, y indica que a categoria do composto é a mesma que de Y em línguas, como o inglês e o holandês, em que a cabeça lexical fica à direita; a seta bidirecional indica coindexação entre ser a cabeça formal e ser a cabeça semântica; e a representação semântica indica que o significado de X guarda alguma relação com o significado de Y . A apresentação da MC por Booij (2013) reforça sua filiação gerativa, seja por manter o foco no grau mais alto de abstração, seja por adotar a formalização de outro modelo gerativo (Jackendoff, 2002), seja por tratar a representação semântica como interpretativa da combinação formal, com a vagueza que caracteriza o modelo desde a origem.

Um dos pareceres a este artigo sugere ver geratividade como equivalente a criatividade *lato sensu*, e não como evidência da filiação à LG.³¹ Nesse sentido, a MC, assim como qualquer modelo linguístico, estaria dando conta da questão clássica relativa à formação de um número potencialmente infinito de palavras a partir de um número finito de construções.

Essa leitura seria possível não fosse pelo fato de que *gerativo* indica uma concepção de complexidade estrutural diametralmente oposta à adotada pela LC. Quando a LG fala de símbolos ou de estrutura simbólica, a concepção pressuposta é a de que “Uma estrutura simbólica complexa tem uma estrutura bloco de construção se seus elementos estruturais todos existem independentemente e se o significado do todo é uma função dos significados das partes”³² (Lakoff, 1987, p. 284). Daí o compromisso com a composicionalidade plena (princípio da composicionalidade). Já quando a LC fala de símbolos ou de estrutura simbólica, a concepção pressuposta é a de que “[...] uma estrutura simbólica complexa tem uma estrutura gestaltica, isto é, uma estrutura (a) cujos elementos não existem independentemente do todo ou (b) cujo significado geral não é predizível a partir dos significados de suas partes e da maneira como essas partes são combinadas”³³ (Lakoff, 1987, p. 284). Daí o compromisso com a composicionalidade parcial.

³¹ Pode-se estender esse entendimento ao conceito de *competência*, tomado como conhecimento linguístico em geral. Novamente, a questão é a relação entre conceitos e fundamentos. O fato de Booij (2017) manter o conceito num manual de LC pode ser uma evidência de que essa é a recepção atual ao conceito. Aqui, é considerado com mais uma evidência da filiação gerativa da MC.

³² “A complex symbolic structure has a building-block structure if its structural elements all exist independently, and if the meaning of the whole is a function of the meanings of the parts.”

³³ “[...] it has a gestalt structure, that is, a structure (a) whose elements do not all exist independent of the whole or (b) whose overall meaning is not predictable from the meanings of its parts and the way those parts are put together.”

2.2.4. Booij et al (2021)

Concluo a subseção 2.2 com uma entrevista de Geert Booij, publicada numa revista brasileira, na busca de evidências que confirmem ou desconfirmem minha compreensão da MC como um modelo da LG, e não da LC.

Na resposta à primeira pergunta, o entrevistado confirma meu entendimento de que sua reflexão parte de RFPs e aproveita delas os produtos. Com base em Aronoff (2018), conclui que “[...] processos de formação de palavras podem ser caracterizados em termos de esquemas de produtos, o que significa que o formato da regra não é relevante”³⁴ (Booij et al, 2021, p. 194). Tais esquemas de produtos são os esquemas de formação de palavras. A formação de palavras, por sua vez, atende à criatividade linguística, textualmente caracterizada como gerativa pelo entrevistado.

Um dos pareceres a este artigo sugere ver a resposta à primeira pergunta como uma “linha do tempo” em que o entrevistado remete à formação gerativa, sem que isso caracteriza a MC como um modelo gerativo. Entendo que uma linha do tempo remeteria a Aronoff (1976), não a Aronoff (2018). A resposta à primeira pergunta confirma meu entendimento de que os esquemas de formação de palavras são as RFPs sem as bases:

composição: $[X]_x [Y]_y \rightarrow [[X]_x [Y]_y]_y$

sufixação: $[X]_x \rightarrow [[X]_x Y]_y$

prefixação: $[Y]_y \rightarrow [X [Y]_y]_y$

Com mais espaço, valeria a pena cotejar a MC com a Morfologia Relacional e a Semântica Conceitual, ambas de Ray Jackendoff. Ali, a filiação teórica é discutida e fundamentada.

Já em Jackendoff (1983, p. 28) está a proposição do “[...] *mundo experienciado* (*mundo projetado* ou *mundo fenomenológico* também seriam apropriados)”³⁵. Diante disso, da adoção do modelo radial de categorização³⁶ e da rejeição à dicotomia semântica/pragmática³⁷, “Jackendoff é

³⁴ “[...] word formation processes can be characterized in terms of output schemas, which means that the rule format is not relevant.”

³⁵ “[...] the *projected world* (*experienced world* or *phenomenal world* would also be appropriate).”

³⁶ Para Jackendoff (1983), o juízo de categorização não é sempre *sim* ou *não*. Os sentidos geram incerteza, e o talvez confere radialidade aos membros de uma categoria: “[...] radicalidade é uma característica inescapável dos conceitos que a linguagem exprime”. Tradução própria de: “[...] fuzziness is an inescapable characteristic of the concepts that language expresses” (p. 117).

³⁷ Para Jackendoff (1983), a semântica não é autônoma em relação à pragmática, dado que não há um nível de

um linguista cognitivista? Se não, por que ele não consegue ver a luz?”³⁸ (Jackendoff, 1996, p. 93). Jackendoff (1996) responde que tais posições não tornam seu modelo cognitivista por manter o compromisso com a gramática universal nos termos chomskyanos e a autonomia da sintaxe (ainda que em rica interação com outros níveis da gramática). E o faz numa edição da *Cognitive Linguistics*. Portanto, afinidades pontuais com modelos funcionais ou cognitivos não filiam nem o modelo de Booij nem os de Jackendoff à LC.³⁹ A diferença é que a leitura dos modelos de Jackendoff encontra a fundamentação explícita da filiação à LG.

A terceira pergunta na entrevista concedida por Booij é sobre a metáfora e a metonímia. O entrevistado responde que tais operações cognitivas têm um papel essencial na MC. No entanto, nem Booij (2005, 2010b, 2013) nem a própria resposta descrevem a representação semântica das construções por meio de uma nem de outra, mantendo sempre ‘Y com alguma relação com X’. Se isso não filia a MC à LG, também não a filia à LC, uma vez que a motivação semântica da gramática é o fundamento mais básico da LC. Cria-se a possibilidade de o modelo ser ateórico, o que não seria uma novidade em Morfologia (cf. Rainer, 2005).

A quarta pergunta na entrevista é sobre a dicotomia entre o léxico e a gramática na LG e na LF. A resposta reforça a posição contra tal dicotomia, consequência da adesão à versão forte da hipótese lexicalista, e alinha a MC a outro modelo construcional gerativista, a Morfologia Relacional, o que explica a notação emprestada de Jackendoff (2002) por Booij (2013) (v. subseção 2.2.3).

A quinta pergunta é sobre a posição do entrevistado quanto às diferentes unidades consideradas como construções pelos modelos construcionais, em geral, e à inclusão do morfema como uma construção por Goldberg (1995, 2006), em particular. A resposta do entrevistado é compartilhada pelos modelos de Bybee e de Langacker: “[...] construções são definidas como pareamentos de forma e significado, e um morfema, em especial um morfema preso, não tem um significado por si só”⁴⁰ (Booij *et al*, 2021, p. 196).

representação mental específico para o sentido e outro para a referência, e sim um único nível de representação mental chamado *estrutura conceitual*. Portanto, a distinção entre semântica e pragmática é apenas terminologicamente conveniente, não corresponde à distinção entre o conhecimento da língua e o conhecimento do mundo real, rejeitado em favor do mundo experienciado. Logo, se a estrutura conceitual é a estrutura semântica, a estrutura conceitual também é a estrutura pragmática, o que dissolve a dicotomia entre a representação em dicionário e a representação em enciclopédia.

³⁸ “[...] ‘Is Jackendoff a cognitive linguist?. And if not, why can’t he see the light?’”

³⁹ Marantz (1997, p. 212) concorda com Goldberg (1995) em que estruturas carregam significados, mas discorda de que tais significados sejam específicos das estruturas. Tal concordância é uma afinidade, mas ninguém filia a Morfologia Distribuída à Gramática de Construções.

⁴⁰ “[...] constructions are defined as pairings of form and meaning, and a morpheme, in particular a bound morpheme,

instância do esquema [X + mente], assim como permite a caracterização de *evangélico* como uma construção mediante sua concepção como instância do esquema [X + ico]. Assim, *-mente* e *-ico* integram construções, não são construções por si sós. Por isso, nem o modelo de Booij nem o modelo de Bybee (rever Bybee, 2010, p. 26, na subseção 2.1.3, quanto a *elemento invariável* e *elemento variável*) nem o modelo de Langacker (ver Langacker, 2008, p. 16, quanto ao morfema como *unidade simbólica degenerada*) consideram um morfema como uma construção.

Esse é um ponto controverso, pois há razões para identificar *-ção* como uma construção, como faz Goldberg (1995, 2006), e há razões para identificar $[[X]_V \text{ção}]_S$, como faz Booij (2005, 2010a, 2010b, 2013), ou $[V + \text{ção}]$, como faz Langacker (2008, 2009, 2019), como uma construção. Aqui, estou rastreando historicamente uma afinidade entre modelos baseados em palavras, e não em unidades menores, como a GC e a MC, razão por que adotam a concepção de *construção* instituída por Fillmore (1979). A subseção 2.2.2 começa com a discussão sobre abordagens baseadas em palavras ou em morfemas. Aqui se acrescenta a discussão sobre a adequação ou não de manter o conceito de morfema na morfologia construcional.

Geert Booij termina a resposta à quinta pergunta com uma afirmação nova para mim: “Adele Goldberg, adepta da Gramática de Construções que inicialmente considerava o morfema como a menor construção, adotou minha posição, uma posição que ainda mantenho”⁴⁵ (Booij *et al*, 2021, p. 197). Alinhamento ao estilo Fillmore que faltava ao estilo Goldberg? Verificar extrapolaria os limites do presente artigo.

A sexta pergunta na entrevista questiona, com sutileza, as bases empíricas para a postulação de esquemas com generalidade máxima. A resposta não trata de esquemas como $[X]_X [Y]_V]_V$, que partem de uma regra formal, e se concentra em esquemas como SS, que partem de instâncias.

O que sabemos de certo é que nem todos os usuários de uma língua têm a abstração máxima para todos os tipos de palavra complexa, porque esquemas abstratos são baseados num conhecimento vocabular suficientemente grande, e pessoas diferem enormemente quanto ao tamanho e à natureza de seu conhecimento lexical. Ademais, tanto esquemas abstratos quanto subpadrões específicos existem. Por exemplo, é óbvio que há um padrão geral abstrato [SS]S para compostos no holandês porque esse é um padrão de produtividade ilimitada. (Booij *et al*, 2021, p. 197, tradução própria)⁴⁶

⁴⁵ “The Construction Grammarian Adele Goldberg, who initially considered the morpheme as the smallest construction, has adopted my position, a position that I still maintain.”

⁴⁶ “What we know for sure is that not all language users have maximal abstractions for all types of complex word, because abstract schemas are based on a sufficiently large vocabulary knowledge, and people differ enormously in the size and nature of their lexical knowledge. Moreover, abstract schemas and specific subpattern both exist. For instance, it is obvious that there is a general abstract [NN]N pattern for Dutch compounds because this is a pattern of unlimited productivity.”

Como se vê, é a produtividade ilimitada que atesta a existência de um esquema como [SS]S, tornando ociosa a menção a subpadrões e ratificando o foco na dimensão ativa da formação de palavras. O entrevistado atribui à variação a apreensão de esquemas, mas não explica por que o esquema é [SS]S, e não mais [[X]_x] [Y]_y], silenciando exatamente sobre os esquemas com que começou a entrevista, os esquemas de formação de palavras, que refletem produtos de regras sem o encargo das regras e revelam a filiação gerativa da MC.

3. Conclusão

Neste artigo, defendo a compreensão da MC como modelo filiado à LG, e não à LC. Para fundamentar minha compreensão, cotejei a MC com dois outros modelos de morfologia construcional, um funcionalista e outro cognitivista, que se distinguem da MC por serem baseados no uso.

Também apresentei dados do PB e do PE para ilustrar o poder descritivo e explicativo de cada modelo. A divergência entre o PB e o PE indicada no quadro 1 pode ser descrita pelo modelo funcionalista como conexão lexical entre *moleiro* e *moinho* no PE e autonomia de *moinho* no PB a partir da concepção segundo a qual esquemas, palavras morfologicamente simples e palavras morfologicamente complexas estão no léxico, mas não pode ser descrita nem pelo modelo cognitivista nem pelo modelo gerativista porque a relação entre *moleiro* e *moinho* no PE não se deve ao compartilhamento de um esquema sincrônico. A associação fonológica é um fato sincrônico que se restringe à primeira sílaba das duas palavras, enquanto a associação semântica é um fato diacrônico que se deve ao compartilhamento da raiz e reforça a associação fonológica por também se restringir à primeira sílaba das duas palavras.

Já a convergência entre o PB e o PE indicada no quadro 2 pode ser descrita pelo modelo funcionalista como conexão lexical entre *fio* e *fiação* e pelo modelo cognitivista como associação metonímica entre *fio* e *fiação* na rede de instâncias, ambos sem pressupor *fiar* na rede de exemplares, mas só pode ser descrita pelo modelo gerativista pressupondo *fiar* na árvore de herança lexical em que o esquema da sufixação ocupa o nó mais alto, o *construction idiom* [[X]_v ção]_s ocupa o nó intermediário, e *fiação* ocupa o nó mais baixo, ou prescindindo da herança a partir do nó mais alto, e não do próprio nó mais alto. A adequação de não pressupor o verbo *fiar* reside em sua menor frequência de uso que a do substantivo *fiação*, verificada no Corpus do Português.

A questão não é se a MC fica mais ou menos capaz de explicar e descrever fenômenos morfológicos por ser gerativista ou cognitivista, especialmente numa área em que a agenda de pesquisa foi instituída pela LG e recebida pela LC. A questão é que fundamentos epistemológicos são requisitos para a legibilidade de um modelo teórico, e a MC, além de não ser explícita quanto a sua filiação, é ambivalente em sua apresentação. Contudo, a interpretação sistêmica do modelo fornece evidências positivas e negativas de sua filiação gerativa, se não da falta de identidade teórica, alternativas que igualmente afastam a MC da LC.

Agradecimentos

Este artigo resulta de pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP (processo: 2023/04653-0).

Referências

ALMEIDA, M. L. L.; LEMOS DE SOUZA, J. Prefixos, preposições e heterossemia. *Cadernos do NEMP*, Rio de Janeiro, n. 6, v. 1, 2015, p. 5-16.

ANDERSON, S. *A-morphous morphology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

ARONOFF, M. *Word formation in generative grammar*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1976.

ARONOFF, M. Morphology and words: a memoir. In: BONAMI, O.; BOYÉ, G.; DAL, G.; GIRAUDO, H.; NAMER, F. (ed.). *The lexeme in descriptive and theoretical morphology*. Berlin: Language Science Press, 2018.

BASILIO, M. *Estruturas lexicais do português*. Petrópolis: Vozes, 1980.

BASILIO, M. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1987.

BASILIO, M. O princípio da analogia na constituição do léxico: regras são clichês lexicais. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 1, n. 1, 1997, p. 9-21.

BASILIO, M. Morfológica e castilhamente: um estudo das construções X-mente no português do Brasil. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 14, n. esp., 1998, p. 15-25.

BASILIO, M. Abordagem gerativa e abordagem cognitiva na formação de palavras: considerações preliminares. *Linguística*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, 2010, p. 1-14.

BASILIO, M. Pesquisa em Morfologia: exemplos, pressupostos, precauções. In: GONÇALVES, A. V.; GÓIS, M. L. S. (org.). *Trabalhando com Linguística no Brasil*. Campinas: Pontes, [2012] 2023, p. 73-100.

BOOIJ, G. Compounding and derivation: evidence for construction morphology. In: DRESSLER, U.; KASTOVSKY, D.; PFEIFFER, O. E.; RAINER, F. (ed.). *Morphology and its demarcations: selected papers from the 11th Morphology Meeting, Vienna, February 2004*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, 2005, p. 109-132.

BOOIJ, G. *Construction Morphology*. Oxford, New York: Oxford University Press, 2010a.

BOOIJ, G. Construction Morphology. *Language and Linguistics Compass*, v. 4, n. 7, 2010b, p. 543-555.

BOOIJ, G. Morphology in Construction Grammar. In: HOFFMANN, T; TROUSDALE, G. (ed.). *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2013, p. 1-14.

BOOIJ, G. The construction of words. In: DANCYGIER, B. (ed.). *The Cambridge Handbook of Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017, p. 229-245.

BOOIJ, G.; SIMÕES NETO, N. A.; SOLEDADE, J.; GONÇALVES, C. A. Construction Morphology: an interview with Geert Booij. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, 2021, p. 191-202.

BYBEE, J. *Morphology: a study of the relation between meaning and form*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, 1985.

BYBEE, J. Morphology as lexical organization. In: HAMMOND, M.; NOONAN, M. (ed.). *Theoretical Morphology: approaches in modern linguistics*. New York: Academic Press, 1988, p. 119-141.

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CÂMARA Jr., J. M. *Princípios de lingüística geral*. 7 ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1989.

CHOMSKY, N. Fundamental operations of language: reflections of optimal design. *Cadernos de Linguística*, v. 1, n. 1, 2020, p. 1-13.

DIESSEL, H. *The grammar network: how linguistic structure is shaped by language use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

FILLMORE, C. Innocence: a second idealization for linguistics. *Berkeley Linguistic Society*, n. 5, 1979, p. 63-76.

FREITAS, E. S. S. *O tempo e o mento: história do sufixo latino -mentum e de seu desenvolvimento na língua portuguesa, em contraste com outras línguas românicas*. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, 2013).

GEERAERTS, D. Methodology in Cognitive Linguistics. In: KRISTIANSEN, G.; ACHARD, M.; DIRVEN, R.; IBÁÑEZ, F. J. (ed.). *Cognitive Linguistics: current applications and future perspectives*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2006, p. 21-50.

GLOCK, H-J. *Dicionário Wittgenstein*. Tradução: Helena Martins. Revisão técnica: Luiz Carlos Pereira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford, New York: Oxford University Press, 2006.

GONÇALVES, C. A. Composição e derivação: polos prototípicos de um continuum? Pequeno estudo de casos. *Domínios de Lingu@gem*, Uberlândia, v. 5, 2011, p. 62-89.

GONÇALVES, C. A. Mudança no estatuto morfológico de formativos: evidência de um continuum composição-derivação. *Soletras*, Rio de Janeiro, n. 29, 2015, p. 206-226.

GONÇALVES, C. A. *Morfologia Construcional: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016.

HALLE, M.; MARANTZ, A. Some key-features of Distributed Morphology. In: CARNIE, A.; HARLEY, H. (ed.). *MIT Working Papers in Linguistics 21. Papers on Phonology and Morphology*, 1994, p. 275-288.

HOFFMANN, T; TROUSDALE, G. (ed.). *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

JACKENDOFF, R. Morphological and semantic regularities in the lexicon. *Language*, v. 51, n. 3, 1975, p. 639-671.

JACKENDOFF, R. *Semantics and cognition*. Cambridge, London: MIT Press, 1983.

JACKENDOFF, R. Conceptual semantics and cognitive linguistics. *Cognitive Linguistics*, v. 7, n. 1, 1996, p. 93-129.

JACKENDOFF, R. *Foundations of language: brain, meaning, grammar, evolution*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

LAKOFF, G. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LANGACKER, R. *Foundations of cognitive grammar*. V. I: theoretical prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LANGACKER, R. A dynamic usage-based model. In: BARLOW, M.; KREMMER, S. (ed.). *Usage-based models of language*. Stanford, California: CSLI Publications, 2000, p. 1-64.

LANGACKER, R. *Cognitive grammar: a basic introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

LANGACKER, R. *Investigations in cognitive grammar*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2009.

LANGACKER, R. Morphology in cognitive grammar. In: AUDRING, J.; MASINI, F. (ed.). *The Oxford handbook of morphological theory*. Online publication (www.oxfordhandbooks.com): jan. 2019, p. 1-21.

MARANTZ, A. No escape from syntax: Don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. Proceedings of the 27th Annual Penn Linguistics Colloquium. *UPenn Working Papers in Linguistics*, v. 4, n. 2, 1997, p. 201-225.

MARTINS, H. *Metáfora e polissemia no estudo das línguas do mundo: uma apresentação não-representacionista*. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1999.

PERINI-SANTOS, P.; MELLO, H. Inovações na morfologia do português brasileiro: tendências para a ampliação do léxico por gramaticalização, lexicalização, analogia. *Domínios da Linguagem*, Uberlândia, v. 5, n. 2, p. 7-29.

RAINER, F. Semantic change in word formation. *Linguistics*, Berlin, v. 43, n. 2, 2005, p. 415-441.

RIO-TORTO, G. *Morfologia derivacional: teoria e aplicação ao português*. Porto: Porto Editora, 1998.

SCHER, A. P.; BASSANI, I. S.; MINUSSI, R. D. Morfologia em Morfologia Distribuída. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, n. 47, 2013, p. 9-29.

SCHWINDT, L. C. O prefixo no português brasileiro: análise prosódica e lexical. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 17, n. 2, 2001, p. 175-207.

SCHWINDT, L. C. Morfologia. In: SCHWINDT, L. C. (org.). *Manual de linguística: fonologia, morfologia e sintaxe*. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 108-154.
